

Globo News – Jornal das 10
24/09/2007

3'15''

André Trigueiro: O mercado financeiro está animado, mas o bom momento da economia também traz preocupações. No setor energético, por exemplo, a luz amarela já acendeu. Com a falta de chuva que marcou as últimas semanas, o risco de um novo apagão voltou a ser debatido entre especialistas.

Situação tranquila, sem risco de racionamento. Esse é o diagnóstico do setor energético feito pelo governo.

Maurício Tolmasquim: Nós temos uma situação estruturalmente boa e conjunturalmente boa. Por conta de termos tido um ótimo verão, com excelentes chuvas, [eles – os reservatórios] estão muito bons, mesmo agora, tendo um período seco nesse período do ano.

Os números do Operador Nacional do Sistema, mostram que pelo menos no curto prazo a energia está garantida. Atualmente, os níveis dos reservatórios em todo país variam entre 50 e 65%. Mais do que o dobro registrado na crise de 2001.

Hermes Chipp: Esse ano nós atingiremos um volume ao final do período seco que nos garante o abastecimento no ano de 2008 mesmo para as piores hidrologias do histórico.

O problema está no médio prazo, dizem os críticos. Para o Instituto Acende Brasil, o risco de apagão do país em 2011 é de 22%, e não de 6%, como prevê o governo.

Claudio Sales: É um critério [o critério do governo] que pode ser usado para planejamento de muito longo prazo, num horizonte de 10, 15, 20, 30 anos, mas seguramente não dá uma indicação correta pra sociedade do risco de se decretar racionamento ao qual ela está exposta.

Outra preocupação é com o crescimento da economia. As previsões do governo levam em conta uma expansão média de 4,8% do PIB ao ano, até 2011.

Luiz Pinguelli Rosa: Isso vai significar compra de equipamentos elétricos por pessoas que transitaram da classe D, por exemplo, para a classe C. E isso vai implicar aumento de consumo de energia elétrica.

Para agravar a situação, existe ainda um suspense em torno do chamado mercado livre. São grandes compradores que preferem não entrar nos leilões promovidos pelo governo, na tentativa de pagar menos pela energia que sobra. Juntos, representam 25% do mercado nacional.

Roberto Schaeffer: Nesse momento você tem mercado cativo garantido no médio prazo, mas o mercado livre se apropriando hoje de um preço da energia muito baixo, já que hoje sobra energia, mas correndo risco de no médio prazo ter a sua energia ou muito mais cara, ou não ter a energia que ele vai precisar.

Repórter Rafael Coimbra: Tão importante quanto garantir o fornecimento de energia é saber a que custo econômico e ambiental ela vai ser obtida. O que se vê hoje no mercado é algo bem distante da vocação histórica do país.

80% da energia do Brasil ainda vem das usinas hidrelétricas, mas por causa da dificuldade de se obter licenças ambientais, elas têm sido substituídas nos leilões por fontes mais poluentes.

Roberto Schaeffer: No curto prazo ou no médio prazo eu não vejo problema de falta de energia, mas, seguramente a questão ambiental, a sujeira associada a essa energia será um motivo de preocupação crescente.

Maurício Tolmasquim: Com os estudos de viabilidade que estão sendo realizados a partir de 2009, nós poderíamos viabilizar a entrada de blocos hídricos bastante importantes e o Brasil retoma a sua característica de ser um país hidrelétrico.